



## Homens & Lobos

# O lobo num mundo em mudança

De 11 a 14 de outubro, teve lugar na cidade americana de Minneapolis o Simpósio Internacional do Lobo. Nas palavras do organizador Rob Schultz, “encontros como este ajudam as pessoas a aprender como conviver com os lobos e partilhar as melhores práticas para mitigar o conflito entre a vida selvagem e os humanos”. Neste espírito, foi levada a cabo mais de uma centena de apresentações, a cargo de 500 especialistas, oriundos de 21 países, do Brasil à Mongólia. Portugal esteve representado pelo coordenador do Med-Wolf, o Professor Francisco Petrucci-Fonseca, que levou na bagagem dois estudos sobre resultados alcançados pelo Projeto: um analisando a eficiência dos cães de gado, o segundo sobre o uso de um método inovador no recenseamento dos lobos: um cão que encontra, através do faro, dejetos do predador.

Quanto aos cães de gado, nunca é demais repetir o seu bom desempenho: reduzindo em mais de 60% os prejuízos e granjeando a satisfação de 75% dos seus donos. Também deu boa conta de si o cão que ficou com a tarefa de farejar sinais da presença dos seus “primos” silvestres: “encontrou mais dejetos e detetou a presença de lobos mais eficientemente do que os observadores humanos”.

Um dos pontos altos do simpósio foi uma evocação da reintrodução de lobos no Parque Natural de Yellowstone. Os 31 lobos importados do Canadá para o efeito, numa operação nunca levada a cabo na Europa, tiveram um papel crucial na recuperação, pasme-se, de várias espécies vegetais, comidas pelos ungulados silvestres que

começaram a multiplicar-se sem controlo após o massacre dos últimos lobos do Parque, em 1926. Choupos e salgueiros deixaram de ser comidos, ainda enquanto rebentos, pelos mais de 20.000 alces que ali viviam, e voltaram a crescer no Parque. A população de lobos estabilizou, duas décadas depois e quase sem intervenção humana, nos 100 exemplares; os alces, também açoitados pela caça e pela predação dos ursos-pardos, são hoje apenas 7.800.

Não esquecer que um estudo da Universidade do Montana, de 2006, contabilizou em mais de 32 milhões de euros o benefício da presença de lobos para a economia da região envolvente. Logo após a reintrodução, as receitas dispararam – mesmo durante o período em que não houve lobos no parque, os turistas nunca tinham deixado de perguntar por eles.

Outra boa notícia chegou-nos da Índia: na remota e montanhosa região de Chusul, um “shang-dong” (o equivalente a um fojo de cabrita; uma armadilha para lobos) foi desmantelado e as suas pedras usadas para erigir um pequeno santuário dedicado à meditação; um “Stupa”. Monges budistas consagraram o local, num gesto simbólico para assinalar a paz entre Homem e Lobo. Como pode tal coisa ter acontecido, num local onde os lobos são uma ameaça bem real ao que os aldeões chamam “ouro macio”, a caxemira? É uma história fascinante e instrutiva, a que em breve retornaremos.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.